



NARRATIVAS QUE DESCOLONIZAM: GESTO MEDIAL E AUTOFORMAÇÃO COMO PRÁTICA NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

João Pedro de Souza Serpa¹

Samara Moura Barreto²

Luciana Venâncio³

RESUMO

Este resumo objetiva elucidar um gesto medial (Delory-Momberger; Bourguignon, 2023) vivenciado por um discente bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Educação Física da Universidade Federal do Ceará (UFC), realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), campus Fortaleza, com turmas do ensino médio técnico integrado. O gesto medial, compreendido como a ação de registrar, contar e compartilhar experiências para transformá-las em conhecimento, serviu de base para a minha prática e reflexão. Articulado à autoformação docente (Josso, 2004; Abreu, 2020), concebida como processo contínuo de tomada de consciência sobre saberes, desconfortos e potencialidades ao longo da trajetória acadêmica. Desenvolvi uma prática pedagógica, conduzida sob supervisão e em diálogo com uma perspectiva crítica que buscou romper com a lógica eurocêntrica do ensino dos esportes coletivos, incorporando discussões étnico-raciais, de gênero, classe e deficiência. O planejamento participativo (Venâncio, 2017) possibilitou minha atuação direta na mediação das escolhas e adaptação das vivências para as experiências corporais como o tacobol e o badminton com peteca artesanal, compreendendo-as como expressões culturais historicamente invisibilizadas em decorrência de um apagamento cultural e curricular, aproximando o currículo escolar de referências plurais e contextualizadas. A avaliação final consistiu na produção de matérias jornalísticas pelos/as alunos/as, com a qual puderam refletir criticamente sobre os conteúdos, as experiências vivenciadas e a relação com os marcadores sociais nas aulas de Educação Física. Como resultados, destaca-se o fortalecimento da minha identidade docente, a ampliação do repertório teórico-metodológico e a construção de um ateliê narrativo pessoal e coletivo reafirmando que a docência na Educação Física é uma prática social e política, conforme é apontado por Freire (2019), a educação deve ser um espaço de diálogo crítico e transformação das relações de poder, possibilitando a emancipação dos/das sujeitos/as e o questionamento das estruturas opressoras na sociedade.

Palavras-chave: Autoformação Docente, Gesto Medial, Planejamento Participativo, Educação Física Escolar, Justiça Curricular.

¹ Graduando do Curso de Educação Física e Bolsista do PIBID – NID educação física da Universidade Federal do Ceará - UFC, jpsouzaserpa@gmail.com;

² Professora do Instituto Federal do Ceará; Supervisora do PIBID – NID educação física da Universidade Federal do Ceará; Doutora em educação, Universidade Estadual do Ceará – UECE, samara.abreu@ifce.edu.br;

³ Coordenadora de área do PIBID de Educação Física da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Educação pela UNESP. Docente da Universidade Federal do Ceará - UFC, luvenancio@ufc.br;





INTRODUÇÃO

Este relato de experiência objetiva elucidar um gesto medial (Delory-Momberger; Bourguignon, 2023) desenvolvido por um discente bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), inserido no subprojeto/núcleo de iniciação à docência do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará (UFC), durante sua participação pedagógica nas aulas de educação física escolar no ensino médio técnico integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) campus Fortaleza, tendo como objeto de reflexão as experiências corporais do conteúdo de esportes coletivos, através das aulas de tacobol e de badminton com peteca artesanal, compreendendo-as como expressões culturais historicamente invisibilizadas em decorrência de um apagamento cultural e curricular, evidenciando e aproximando o currículo escolar de referências plurais e dificuldades vivenciadas em contexto da autoformação docente (Abreu, 2020).

O PIBID, executado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), vinculada ao Ministério da Educação, tem como principal objetivo proporcionar ao acadêmico experiência prática na docência, enriquecendo a formação de futuros professores e contribuindo para a melhoria da qualidade da educação básica pública no Brasil. (CAPES, 2016). O PIBID surge como uma oportunidade enriquecedora para os licenciandos se inserirem no contexto escolar, permitindo que eles vivenciem a realidade da sala de aula e compreendam as complexidades do processo de ensino-aprendizagem.

A Educação Física Escolar possui um importante papel no processo educacional para crianças e jovens, Darido (2001) destaca que a disciplina de Educação Física tem o papel de contemplar dimensões sociais, cognitivas e afetivas. Nesse sentido, ao tematizar o tacobol e o badminton, buscou-se reflexionar sobre a (de)colonialidade das práticas corporais, reconhecendo sua historicidade. O tacobol, associado às resistências culturais afrodescentes, enquanto o badminton remonta às práticas corporais dos povos originários da América Latina, as aulas revelaram-se como expressões de ludicidade, resistência social e saberes tradicionais (dos Santos, 2020).





A tematização das práticas corporais do tacobol e do badminton com as petecas artesanais, foi construída por meio do planejamento participativo junto às turmas do Curso Técnico Integrado em Química e de Informática do IFCE, no semestre 2025.1, no âmbito das ações do PIBID. Esse processo foi orientado pela gestualidade medial, compreendida como a articulação entre narrar, registrar e compartilhar experiências, o que possibilitou transformar vivências em saberes pedagógicos. Essas práticas permitem resgatar manifestações historicamente invisibilizadas no currículo escolar e problematizar os marcadores sociais que atravessam o ensino da Educação Física.

Como etapa avaliativa e formativa, os estudantes produziram matérias jornalísticas a partir das aulas, que funcionaram como artefatos pedagógicos de reflexão crítica, favorecendo a compreensão dos conteúdos trabalhados e sua relação com marcadores sociais como raça, gênero, classe e deficiência.

METODOLOGIA

No campo teórico-metodológico, inscrevemos esta investigação numa epistemologia da práxis, orientada pela pesquisa-formação (Josso, 2004; Abreu, 2020) e pela perspectiva do gesto medial (Delory-Momberger; Bourguignon, 2023). Tal gesto é compreendido como a ação de registrar, narrar e compartilhar experiências, possibilitando transformar vivências pedagógicas em saberes reflexivos. Essa abordagem favorece a autoformação docente, uma vez que permite aos licenciandos reconhecerem seus desconfortos, potencialidades e aprendizagens ao longo do processo formativo. Assim, a experiência vivida no PIBID foi interpretada não apenas como prática pedagógica, mas como um movimento de construção identitária, estética e política da docência.

A pesquisa se desenvolveu no âmbito do PIBID de Educação Física da Universidade Federal do Ceará, com intervenções pedagógicas realizadas junto a turmas do ensino médio integrado no IFCE – Campus Fortaleza. Como instrumentos de coleta de dados, foram utilizadas as narrativas registradas pelo bolsista, os planejamentos participativos das aulas (tacobol e badminton) e, sobretudo, os artefatos produzidos pelos estudantes, que consistiram em matérias jornalísticas críticas sobre as práticas



corporais vivenciadas. Esses materiais foram analisados como ferramentas pedagógicas de avaliação formativa e reflexão sobre marcadores sociais. Ressalta-se que todas as atividades foram realizadas em consonância com os princípios éticos de pesquisa em educação, assegurando o direito de participação voluntária e de uso das imagens/produções mediante consentimento dos envolvidos.

Uma compreensão do gesto automedial no PIBID foi mobilizada junto aos estudantes dos cursos técnicos integrados em Química e Informática, no processo de didatização das aulas de Educação Física escolar. Nesse percurso, o tacobol e o badminton com peteca artesanal emergiram como unidades temáticas definidas no planejamento participativo (Venâncio, 2017), construído coletivamente em diálogo com as turmas. A escolha desses conteúdos possibilitou uma reflexão crítica pautada na justiça curricular, resgatando práticas historicamente invisibilizadas e tensionando a (des)colonização esportiva. Ao reconhecer as matrizes afrodescendentes e indígenas presentes nessas manifestações, as aulas se transformaram em espaços de experimentação cultural e de problematização sobre o lugar das práticas corporais no currículo escolar.

Eixos da Experiência	Planejamento e Desenvolvimento	Dimensões da Experiência	Atos do currículo
Planejamento Participativo	Construção coletiva das aulas de Peteca e Tacobol junto aos estudantes das turmas do Ensino Médio Técnico.	Experiência dialógica e colaborativa	Escuta ativa, debate sobre práticas corporais e decisão conjunta das atividades a serem vivenciadas.
Ateliê da Peteca	Atividade realizada em 2h/aula, com a confecção de petecas artesanais.	Experimentação estética e histórica	Construção de artefatos e contextualização cultural.
Tacobol (atividade prática)	Vivência realizada na quadra, com adaptações inspiradas na brincadeira popular 'pau na lata' e beisebol, utilizando tacos e bolas.	Experimentação crítica e cultural	Ressignificação das práticas corporais esportivas a partir da (de)colonialidade e do reconhecimento das expressões lúdicas populares.
Reflexão docente	Discussão coletiva sobre o significado das práticas e seus atravessamentos étnico-raciais e sociais.	Experiência reflexiva e crítica	Sistematização de aprendizagens e análise dos desafios do ensino da Educação Física escolar.
Avaliação e	Compartilhamento das	Experiência	Proposta de avaliação





socialização	experiências entre bolsistas e professores supervisores.	comunicativa	formativa e socialização das produções dos alunos, por meio das matérias jornalísticas elaboradas.
--------------	--	--------------	--

Quadro 1: Ateliês em gesto medial pelo PIBID.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa fundamenta-se em uma perspectiva crítica e formativa da docência, articulando os conceitos de autoformação docente, experiência reflexiva no PIBID e práticas pedagógicas descolonizadoras na Educação Física Escolar. A partir de Josso (2004), compreende-se a autoformação como um processo contínuo de construção identitária do professor, em que o sujeito ressignifica suas vivências e saberes a partir da reflexão sobre suas próprias práticas. Essa ideia dialoga com Abreu (2020), que amplia o entendimento da formação docente como um movimento de criação estética e narrativa, no qual o professor em formação se reconhece como autor de sua trajetória e mediador de sentidos na educação.

A autoformação pode ser entendida como um movimento no qual o educador ressignifica suas experiências de vida e de ensino, criando sentidos que orientam a sua própria prática pedagógica. Nesse sentido, a docência é compreendida como um processo de (re)construção, no qual a experiência pessoal, a formação acadêmica e as vivências escolares se encontram e fazem sentido ao educador.

Na perspectiva da formação inicial, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se configura como um espaço privilegiado para essa construção, porque ele possibilita ao licenciando experiências com a rotina escolar e momentos de reflexão sobre o fazer docente com os/as professores/as supervisores/as e o/a professor/a orientador/a do programa.

A apreensão didática por narrativas que desconolizam na Educação Física escolar tem um grande papel de romper com a lógica eurocêntrica que, historicamente, dominou o campo da cultura corporal de movimento. Nesse sentido, é necessário valorizar as expressões culturais invisibilizadas e subalternizadas pelo currículo hegemônico, uma vez que as culturas e vozes de grupos marginalizados continuam





sendo silenciadas e estereotipadas. Pereira (2021), ao abordar a implementação da Lei nº 11.645/08 (que trata da obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena) na Educação Física, sublinha que os saberes desses povos foram historicamente relegados e sobrepostos por conhecimentos eurocêntricos e hegemônicos na formação de professores.

Diante desse cenário se faz urgente uma revisão curricular. O movimento de incorporação de práticas como o tacobol e o badminton através da peteca nas aulas de educação física são entendida como um contraponto ao esportivismo colonial, construímos uma proposta decolonial que visa à justiça curricular e à valorização de culturas que foram historicamente ignoradas, construindo novos caminhos críticos para a docência através do PIBID.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As práticas pedagógicas desenvolvidas no âmbito do PIBID em Educação Física, realizadas com as turmas do ensino médio técnico integrado do IFCE, possibilitaram reflexões sobre a formação docente e a (de)colonialidade das práticas corporais nas aulas de Educação Física escolar. O planejamento participativo (VENÂNCIO, 2017) foi o ponto de partida para a construção das aulas de tacobol, badminton e da confecção artesanal das petecas, atividades que emergiram do diálogo com os estudantes e com o contexto da escola pública. Na aula de tacobol (Figura 1 e 2), realizada na quadra, os estudantes exploraram elementos do jogo “pau na lata” e do beisebol, construindo uma prática adaptada às condições do espaço escolar e ressignificando um jogo popular a partir da cultura local e da cooperação entre os grupos.



Figura 1 e 2 – Experimentação corporal do tacobol



Fonte: Acervo pedagógico da professora supervisora do PIBID e docente de educação física do IFCE.

No ateliê da peteca (Figura 3 e 4), os bolsistas conduziram a experimentação estética por meio da construção dos artefatos com materiais alternativos, como jornal, fita adesiva e papel colorido, retomando a origem indígena dessa prática corporal. Posteriormente, a aula de badminton, primeiramente com atividades de reconhecimento da peteca (Figura 5 e 6) promoveu a experimentação corporal e crítica sobre o currículo esportivo, abrindo espaço para discussões sobre apagamentos culturais e o eurocentrismo no ensino dos esportes coletivos. As produções midiáticas finais, em formato de matérias jornalísticas (Figuras 7 e 8) revelaram percepções dos alunos sobre diversidade, inclusão e pertencimento, confirmando que o gesto medial (DELORY-MOMBERGER; BOURGUIGNON, 2023) pode mobilizar processos de autoformação docente e de justiça curricular (FREIRE, 2019). Assim, o PIBID se mostra um espaço



de mediação entre teoria e prática, em que o educar pelo corpo e pela cultura se torna um exercício crítico e emancipador.

Figura 3 e 4 – Ateliê de construção da peteca



Fonte: Acervo pedagógico da professora supervisora do PIBID e docente de educação física do IFCE


Figura 5 e 6 – Experimentação corporal da peteca





Fonte: Acervo pedagógico da professora supervisora do PIBID e docente de educação física do IFCE.


Figura 7 – Matéria jornalística produzida em gesto medial do PIBID



Capital praiana

O seu noticiário de Fortaleza

O IFCE promove a educação decolonial



A decoloniedade é um projeto de resistência aplicado aos campos hegemônicos pela influência do colonizador, como, no quadrilátero da educação física, em que são ensinados, majoritariamente, os esportes de origem europeia, futsal, handebol, voleibol e basquetebol.

Na imagem acima, uma aluna do técnico integrado em Química segura a peteca, jogo indígena invisibilizado historicamente.

Dessa forma, os marcadores sociais: classe e colonização são explorados pelos alunos, que compreendem a importância da valorização dos conhecimentos latino-americanos frente a sua marginalização no cenário emergente, bem como questionam a epistemologia eurocentrista.

Além disso, a fabricação independente e reciclável dos materiais, peteca e raquete, representa dois movimentos importantes: a criação de alternativas contra o arrocho de investimentos na infraestrutura educacional e o respeito à identidade autóctone, porquanto essa produção é autossustentável. Isto é, depende somente de recursos previamente extraídos da terra.



"A educação não tem preço. Sua falta tem custo." - Antônio Carlos Lacerda

Na imagem ao lado, a visão panorâmica da piscina central do IFCE campus Fortaleza.



Fonte: Acervo pedagógico da professora supervisora do PIBID e docente de educação física do IFCE.

Figura 8 – Matéria jornalística produzida em gesto medial do PIBID



Fonte: Acervo pedagógico da professora supervisora do PIBID e docente de educação física do IFCE.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no âmbito do PIBID, por meio das práticas de Tacobol e Peteca, proporcionou um espaço de formação docente pautado no diálogo, na reflexão e na construção coletiva do conhecimento. O planejamento participativo, articulado à experimentação estética e crítica das práticas corporais, permitiu aos bolsistas vivenciarem o cotidiano escolar como um campo de aprendizagem e ressignificação. Nesse processo, a compreensão das práticas corporais sob a perspectiva da (de)colonialidade revelou-se essencial para reconhecer e valorizar expressões culturais historicamente invisibilizadas, contribuindo para o fortalecimento da identidade docente e para a ampliação do repertório teórico-metodológico dos participantes.

Dessa forma, o trabalho reafirma a relevância do PIBID como política de formação inicial de professores, especialmente na Educação Física, por possibilitar o





encontro entre teoria e prática em contextos reais de ensino. As experiências narradas e sistematizadas nas matérias jornalísticas evidenciam que o gesto medial se consolida como um instrumento de reflexão crítica, autoformação e transformação social. Conclui-se, portanto, que práticas pedagógicas que envolvem a participação ativa dos estudantes e o reconhecimento das diversidades culturais contribuem significativamente para uma educação física mais justa, plural e comprometida com a emancipação dos sujeitos.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

ABREU, S. M. B. Autoformação Docente na experiência de Supervisão do Pibid: Transações para uma práxis pedagógica emancipatória na Educação Física. 2020. 330 f. Tese (Doutorado em 2020) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=98506>> Acesso em: 17 de jul. de 2025.

BETTI, Mauro et al. Fundamentos filosóficos e antropológicos da Teoria do Semovimentar e a formação de sujeitos emancipados, autônomos e críticos: o exemplo do currículo de Educação Física do Estado de São Paulo. Movimento, v. 20, n. 4, p. 1631-1653, 2014.

BETTI, Mauro et al. Fundamentos filosóficos e antropológicos da Teoria do Semovimentar e a formação de sujeitos emancipados, autônomos e críticos: o exemplo do currículo de Educação Física do Estado de São Paulo. Movimento, v. 20, n. 4, p. 1631-1653, 2014.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. PIBID. Brasília, DF: CAPES, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>. Acesso em: 13 jul. 2025.

DELORY-MOMBERGER, C.; BOURGUIGNON, J.-C. Medialidades biográficas, práticas de si e do mundo. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, [S. l.], v. 8, n. 23, p. e1129, 2023. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2023.v8.n23.e1129. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/19443>. Acesso em: 19 abr. 2025.





DOS SANTOS, Renato Machado . História da Peteca. [S.l.]: Confederação Brasileira de Peteca, [s.d.]. Disponível em: <https://cbpeteca.org.br/historia-da-peteca/>. Acesso em: 13 jul. 2025.

JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação de professores. São Paulo: Cortez, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 66. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

VENÂNCIO, L. Planejamento participativo em educação física escolar: Um contexto situado de relações com os saberes e responsabilidades. In: VENÂNCIO, L. et al. Educação física no ensino fundamental II: saberes e experiências educativas de professores(as)-pesquisadores(as). Curitiba: CRV, 2017. P.65-95.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para a implementação da Lei nº 11.645/08 na Educação Física escolar. 1. ed. Fortaleza: Aliás, 2021.

